

## Capítulo I

### Dois Príncipes e Um Rumor

Dizem os Anais do Salão das Horas que houve, em dias de lua paciente, dois príncipes nascidos de um mesmo alvorecer. Ao primeiro chamaram Afonso, cujos ouvidos moravam nas mãos e nos olhos; ao segundo, Duarte, coração de vento bom, que falava cedo com pássaros e tardava em falar de si.

O rei seu pai, Dom Álvaro de Penha d'Água, tinha a testa como pedra de ponte. Quem olhava de fora jurava vê-lo feito lobo de estrada. Engano de primeira vista, como tantos. Mas isto se saberá.

Afonso cresceu aprendendo a ouvir com a pele. Chamava de Signa a língua em que conversava: dedos que dançam, punhos que marcam tempo, sobrancelhas que dizem “sim” e “não” sem fazer barulho no mundo. Duarte cresceu aprendendo a calar quando o irmão buscava as palavras no ar, e a rir com os olhos quando o riso queria pressa.

\*  
\*\*

Naquela manhã, a Feira do Rosário abria suas barracas como quem reza. Sementes em frascos, sinos pequenos, pentes de madeira, cheiros de canela e de chuva antiga. O rei ali passou, capa fechada, guarda curta. Parecia bandido, diziam os tolos; não sabiam do peso que trazia na dobra do manto.

Foi então que uma moça de bengala de freixo tocou a pedra com o bico do bastão, contou passos, cheirou a banca de hortelã e sorriu, era Guiomar o seu nome, e seus olhos nada pediam à luz. Gui via com o que os dedos sabiam, com o que o ouvido entranhava no peito, com o que a cidade dizia pelas vibrações.

Um falcão das torres, atrevido, bateu asa baixa; o vento derrubou um sino de cobre. Duarte correu a aparar; ouviu o metal no chão como quem ouve um mapa.

- Perdão, donzela - disse Duarte, devolvendo o sino à palma dela.

-Não me peças perdão pelo vento - respondeu Gui, rindo. - O vento não escreve bilhetes.

Onso chegou depois, passos firmes, olhos atentos. Gui notou o silêncio que cercava o irmão; cumprimentou com as mãos, do jeito que aprendera com uma tia tecelã: dedos abertos, palma ao peito, inclinação leve. Onso sorriu inteiro; Duarte traduziu o resto, onde faltava ponte.

Ali começou o rumor que corre mais depressa que mensageiro: “o príncipe que ouve com as mãos encontrou a moça que vê com os dedos; e o irmão, que fala com os pássaros, ficou com os olhos presos no sorriso dela.” Rumor bom, dos que aquecem a cidade.

\*  
\*\*

Mas, reino antigo não anda sem juramento antigo. Havia um Tratado de Vidro que ria pouco e quebrava fácil: dizia que, se o herdeiro se casasse fora da Casa do Mapa, as fontes do vale secariam - assim jurou um conde medroso, muitas colheitas atrás. Dom Álvaro guardava esse papel como quem guarda espinho na bota: doía, mas lembrava do caminho.

- Meu pai é pedra - dizia o Onso.

-Meu pai é ponte - diria Duarte, se lhe dessem ouvido.

Eis o engano: parecer não é ser. O rei vestia a cara de lobo para assustar os lobos de verdade. Onde se julgava haver dureza, havia vigília.

\*  
\*\*

Na noite desse mesmo dia, no Fundo do Poço, lugar de vozes antigas, Onso levou Gui. As paredes sabiam devolver ecos; para quem escuta com a pele, eco é abraço de som. Ele falou em Signa: “este lugar guarda os nomes que o vento esquece”. Gui leu as mãos dele, e respondeu: “e guarda os passos de quem volta”.

Duarte ficou um pouco atrás, palavra presa na garganta. O coração, esse bicho sem rei, já fazia seus mapas. E, como todo mapa, pedia coragem para ser lido.

## Capítulo II — O Rei-Lobo

Dizei: que rosto tem um rei quando precisa ser ponte e muro ao mesmo tempo? Dom Álvaro de Penha d'Água vestia capa escura, punho fechado, silêncio que pesava como chuva parada. Quem olhava de longe

chamava-lhe bandido de coroa. Quem sabia esperar via outra coisa: vigia.

Na Sala Vermelha, onde o teto guarda constelações pintadas à pena, os conselheiros exibiam, como sempre, certezas frágeis.

- O Tratado de Vidro não se discute — disse o chanceler, homem de dedos frios. — Se o herdeiro tomar noivo ou noiva fora da Casa do Mapa, o vale seca. Está escrito. Assinado. Selado.

Onso estava ali, costas eretas, olhos firmes. Não o ouvistes? Ouviste, sim — com os olhos. Duarte, ao lado, traduziu-lhe a fala dos velhos, em Signa, cuidado de irmão. Onso respondeu com as mãos, voz do corpo: (*em Signa*) “Escrito por quem? E por que a água obedeceria a papel?”

Os conselheiros sorriram de alto, como quem passa por uma criança que pergunta o nome do vento. Duarte conteve o sangue; o rei não.

- Afonso pergunta - disse Dom Álvaro, voz baixa de rio fundo - por quem e por quê. Respondei-lhe com água e com nome. Com papel, não.

Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

Silêncio de pena parada. O chanceler pigarreou.

- Majestade, a lenda... as fontes...

- As fontes obedecem a nascente, não a selo - cortou o rei. — E se secam, seca-se por mão de homem. A água, que eu saiba, não lê decretos.

O rumor correu pelos corredores: o rei-lobo mordeu os papéis. Mas naquela mesma noite ele saiu sem estandarte e sem escolta, capa virada ao avesso, e tomou o caminho dos moinhos. Na porteira baixa, o velho Vasco das Válvulas jurou que o viu contar passos e provar barro como camponês. Bandido? Não. Espião do seu próprio reino.

\*  
\*\*

### Capítulo III - A Casa dos Ecos

Gui chegou ao palácio como se chega a um rio: pela margem certa. A bengala de freixo lia no chão; o olfato lia os corredores (pedra fria, óleo de madeira, guardas que acordaram cedo). O rumor fizera o resto: “a moça que vê com os dedos”. Convite veio dobrado, com cheiro de hortelã - jeito de Duarte dizer “não temas”.

## Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

Na Casa dos Ecos, sala funda sob o jardim oriental, o som devolve abraços. Onso levou Gui até o centro e falou em Signa com mãos claras, para que ela pudesse tocar as palavras: dedos abrindo como flores para “bom-dia”, punhos marcando o pulso para “agora”, duas mãos ondulando para “água”.

-(em Signa) Queres ouvir o que a parede devolve? — diziam as mãos dele.

Gui sorriu, as pontas dos dedos no ar, buscando o gesto.

-Quero ouvir o teu riso voltando — respondeu ela, lendo com os dedos o desenho no pulso dele, o ritmo que cada palavra deixa.

Duarte ficou de lado, ponte quando faltava ponte, silêncio quando o mundo já falava.

Brincaram de mensageiros antigos. Onso batia três toques no mármore; Gui achava qual coluna respondera. Depois quatro, depois dois longos. Gui mapeava com a palma, sorria no acerto, errava sem pedir desculpa. Onso ria com todo o rosto, riso que não precisa de som para

existir. E Duarte, que viera ensinar, aprendeu: há ritmos que se escrevem na pele.

- (*em Signa*) A cidade não sabe falar conosco - disse Onso, sério de repente. - As pontes não têm luz-pisca para quem precisa de luz, as ruas não têm corda de vento para quem precisa de vento.

- Corda de vento? - Gui inclinou a cabeça, buscando a metáfora com a mão.

- (*em Signa*) Fios que vibram leve - explicou Onso, tocando-lhe os dedos para desenhar a ideia. - Estendidos de casa em casa, de poste em poste. Quem precisa, passa a mão e sabe: aqui a rua sobe; ali, desce; acolá, ponte.

- E as pontes cantam — acrescentou Duarte, pegando a ideia pelo braço. - Sino de luz para quem vê a luz e sino de vibração para quem vê com a pele.

- Isso é juramento novo - disse Gui, firme. — E é de jovem.

\*  
\*\*

Naquela mesma semana, a água baixou um palmo sem que houvesse lua ou reza que explicasse. O chanceler



Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

ergueu os papéis, triunfal: “o Tratado de Vidro falou”. Onso não precisou ouvir para não crer.

- (*em Signa*) Levai-me às comportas — pediu ao irmão.

Foram os três. O caminho tinha cheiro de lama e ferrugem mexida. Gui ia no meio, o mundo contando-se pelos pés: pedra lisa, grade, corrente. Pararam onde o rio afina antes dos moinhos.

- Cheiro de óleo novo - disse Gui, franzindo o nariz.  
- E de pano queimado.

- (*em Signa*) Roldanas trocadas - disse Onso, olhando, vendo com os olhos o que o ouvido não veria.

Duarte meteu a mão na água, trouxe fiapos de juta e pó de ferro.

- Alguém mexeu no curso - disse, baixo. - Não é lenda. É mão.

Na sombra da comporta, um passo apressado. O rei saía de trás de um pilar, capa simples, barro no joelho.

## Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

- Vistes o que eu vi - disse Dom Álvaro, sem trombeta. - A seca tem nome e bota. E eu, que pareço lobo de estrada, entro nos covis para morder os lobos verdadeiros.

Onso ergueu o queixo, sem pedir licença para tomar a cena: (*em Signa*) Então deixai-nos caçar convosco. Somos trê e somos jovens. Sabemos os sinais.

O rei sorriu por dentro, o tipo de sorriso que só um pai aprende.

- Dizei-me, então, como caçam os vossos sinais.

- (*em Signa*) Com silêncio e com festa - respondeu Onso. - Silêncio para ouvir a ferrugem e festa para chamar o povo.

-Festa? - o rei arqueou uma sobrancelha.

- Feira de noite - disse Gui, o dedo no ar como quem acende um ponto. - Barracas abertas, música mansa, cordas de vento estendidas. Quem vibra as cordas sabe o caminho; quem não vibra, não sabe. Os que sabotam, se vierem, vão tremer sem saber que a rua tremeu de volta.

Duarte completou:

## Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

- E no alto das pontes, sinos de luz que piscam quando alguém toca as cordas. De cima, vemos o rastro. De baixo, ouvimos a mentira.

Dom Álvaro assentiu, rei que sabe ouvir quando a juventude aponta o caminho.

- Fazei - disse. - E se o Tratado de Vidro quebrar por causa de festa, melhor assim: o que é falso merece estilhaço.

\*  
\*\*

Na noite marcada, a cidade acendeu-se diferente. Cordas finas cruzavam ruas, vibrando como harpas de vento. Nas barracas, mapas em relevo dormiam ao alcance dos dedos. Intérpretes de Signa, ensinados por Onso, atendiam no coreto como se aquilo fosse o normal - e seria.

Gui caminhava em casa, porque a cidade se deixara tocar. Onso era mestre-de-ritmos, mão no fio, ouvido na pedra, olhos de guarda. Duarte corria os telhados, pássaros por companhia. E o povo, vendo a alegria organizada, chamou-se para dentro dela.

Vieram também os Homens das Pontes Secas, que se escondem atrás de tratados e secas convenientes. Tremeram de leve ao pisar no fio escondido. O sino de luz piscou uma, duas, três vezes. Do alto, Duarte contou. Do chão, Onso marcou. Gui, entre barracas, apontou com o que o corpo sabe: - Aquele (cheiro de óleo novo); - aqueles dois (passo de bota que não conhece o calçamento).

Quando a guarda fechou o cerco, ninguém precisou gritar. Os sinais já tinham gritado.

Dom Álvaro apareceu por fim, capa virada do avesso, rosto de lobo satisfeito. O chanceler, ao lado, sem papel para se agarrar.

- Eis a vossa seca - disse o rei, mostrando as mãos manchadas dos homens. - Deixa de ser lenda quando tem ferramenta e preço. O Tratado de Vidro? Que se parta. O que se escreve sem povo quebra-se com povo.

Onso tomou a palavra com as mãos. Gui tomou a cidade com os dedos. Duarte tomou o céu com os olhos. E os três, juntos, tomaram posse do futuro.

- (*em Signa*) Juramento novo - disse Onso, lento para cada um ver. - Cordas de vento pela cidade. Mapas de

Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

relevo nas escolas. Intérpretes na praça e na corte. Pontes que cantem para todos. Amor sem tratado que o proíba.

- Assim se escreve - disse o rei. - E assim se cumpre.

E, se quereis saber, cumpriu-se.

\*  
\*\*

## Capítulo VI — As Escolas que Aprendem

Dizei: que som tem um sino quando precisa chamar também quem escuta com a pele? Na Escola do Largo, o sino virou luz e vibração. Na manhã primeira do juramento novo, a lâmpada do pátio piscou em compassos claros e o corrimão do alpendre tremeu de leve, como gato que espreguiça. As crianças souberam: é hora.

Onso chegou cedo, mãos quentes de ensinar. Gui veio ao seu lado, bengala de freixo lendo o piso; Dom Álvaro ficou de longe, rei que aprende observando; Duarte, irmão e ponte, pendurou um fio de vento entre a mangueira e a janela da diretoria, só para lembrar que escola também é praça.

A diretora, Dona Zulmira, mulher de coque e caderno, abriu o portão com a chave que pareceu

finalmente ter encontrado sua fechadura. - Antes, o pátio chamava uns e esquecia outros — disse. — Hoje, chama todos.

No corredor, o piso ganhara uma linha de azulejos em relevo: triângulos apontavam para a biblioteca; ondas, para o bebedouro; uma pequena espiral, para a Casa dos Ecos que ali também havia, feita de tijolo e bom ouvido. Gui correu os dedos, sorriu: a escola começava a caber.

Na primeira aula, Onso subiu ao estrado — não para falar, mas para abrir o alfabeto das mãos. (em Signa) Bom-dia. Meu nome é Onso. Esta é a nossa língua, e a vossa, se quiserdes. As crianças repetiram, algumas com timidez, outras com a pressa de quem descobre que sabe dançar. Miguel, o aprendiz de memória de músico, marcava o compasso batendo dois dedos no tampo; Rosa, riso fácil, corrigia dedos trocados com um toque leve e um sorriso que dizia: certo.

— Há palavras que se dizem com o corpo todo — explicou Onso, devagar, para que os olhos acompanhassem. — Medo. Coragem. Desculpa. Obrigado. Estou contigo.

Gui tomou a biblioteca. Tirou de uma caixa livros com mapas em relevo, histórias que se liam com a ponta

dos dedos, figuras com fios costurados que desenhavam cabelos, barcos, pontes. — Quem quiser, que leia de olhos fechados — disse, e metade da turma, sem cerimônia, fechou os olhos. Riram quando confundiram peixe com folha. Erraram sem vergonha. Acertaram com alegria.

No recreio, a campainha piscou e o corrimão vibrou em três toques curtos. João do Pé-Leve, menino que nunca parava quieto, aprendeu a ser mensageiro das cordas: corria, passava a mão nos fios de vento e gritava para quem precisava de voz; para quem não precisava, mostrava o gesto: dois dedos para o refeitório, palma aberta para a quadra, punho sobre punho para “cuidado, chão liso”. Descobriu que atenção também pode correr junto, não contra.

Chegou Zefa das Rodas, pequena e valente, cadeira de ferro que rangia como barco. Viu a rampa, onde antes havia degrau e soltou um “até que enfim” que fez a diretora rir. — Fizemos rampa porque gosto de ordem — ela tentou repetir a velha desculpa de Dom Álvaro. Gui piscou. — Fizemos rampa porque escola é promessa de mundo, e mundo sem rampa é promessa pela metade.

À tarde, um professor antigo, Seu Horácio, franzia o cenho à porta, desconfiado de tanta novidade. Onso o chamou com a mão. (em Signa) Vem. Traz tua história. Ensina com a tua voz. Mas deixa que eu traduza com as minhas mãos. Horácio contou lenda de formigueiro e chuva; Rosa sinalizou as formigas em fila; Miguel desenhou a chuva no tambor do peito, batendo de leve para que o corredor sentisse. Seu Horácio, sem querer, sorriu com a barba. — Se é para todos, eu conto mais — disse, e contou.

No outro dia, a Escola do Morro pediu as mesmas mudanças. Depois, a da beira do rio. Gui ia, cheirava o corredor, pedia placas em relevo, ajustava os compassos do sino de luz; Onso deixava combinados simples: três vibrações curtas para “junta” (assembleia), duas longas para “perigo”, uma longa e duas curtas para “festa”. As crianças levavam para casa o alfabeto das mãos, e pela primeira vez o mercado da esquina ouviu um “obrigado” sinalizado e respondeu com desconto e respeito.

Duarte inventou um jogo para a educação física: amarrava dois fios de vento na quadra e, com olhos vendados para quem quisesse tentar, ensinava a equipe a avançar tocando o fio, outro colega descrevendo o



caminho, outro marcando o ritmo batendo palma no ar. Ganhar virou outra coisa: chegar junto, sem perder gente pelo caminho.

Houve, sim, quem resmungasse que é muita regra para pouco problema. Dom Álvaro, que não perdera o costume de ser muro quando precisava, veio à reunião de pais, sentou no fundo e ouviu os medos. Depois levantou a mão como quem pede vez na própria casa. — Quando eu era menino, aprendi que rei manda. Hoje aprendo que rei aprende — disse. — O que vemos aqui não é capricho. É governo. E governo bom começa em porta de escola. Se vos falta argumento, olhai as crianças. Elas já entenderam.

Naquele mês, a Casa dos Ecos ganhou um quadro novo: uma linha em relevo que dizia os dias, outra que dizia as turmas, e uma pequena gaveta com pulseiras que vibravam leve — não para substituir a voz, mas para lembrar encontros: biblioteca às três, roda de sinais às cinco, música às seis. Rosa cuidava das pulseiras como quem guarda cartas; Miguel afinava as vibrações para que fossem abraço, não susto.

Caiu, certa tarde, um temporal daqueles que fazem as telhas conversarem entre si. A luz do pátio apagou de

repente, e o sino perdeu a voz. Dona Zulmira olhou para Onso, Onso olhou para Gui, Gui tocou o corrimão. O metal, mesmo sem energia, guardava o hábito do tremor. Onso bateu com a ponta dos dedos, compasso antigo; o corrimão respondeu com eco pequeno; as crianças entenderam. Filas se fizeram sem grito, Gui conduziu as menores pelo desenho do piso, Duarte abriu a porta que emperrava com um puxão de quem conhece a teimosia da madeira. Ninguém se perdeu. Depois, quando a luz voltou, ninguém esqueceu.

No fim do trimestre, fizeram assembleia debaixo da mangueira. Não houve discurso; houve demonstração. Zefa desceu a rampa nova sem empurrão. João do Pé-Leve conduziu, de olhos fechados, um colega pelo fio até a biblioteca. Rosa e Miguel apresentaram um coral com voz e com mãos. Gui leu um poema escrito em relevo por uma menina que preferia desenhar palavras do que dizê-las; as mãos de Onso traduziram cada imagem para os olhos que precisavam ver a música.

Dona Zulmira fechou o caderno. — Hoje aprendi a beleza de uma escola que não pede licenças extraordinárias para existir — disse. — Ela só pede escuta. E trabalho.

Onso ergueu as mãos devagar, para que ninguém perdesse nada. (em Signa) Escola boa não é a que manda todo mundo caber no mesmo molde. É a que aumenta o molde até cabermos todos. Gui, ao lado, assentiu com a testa. — E a que ensina a cidade a caber no corpo de cada um.

Nesse dia, as andorinhas passaram mais baixas. Duarte disse que era bom sinal; Gui cheirou a terra e disse que vinha chuva mansa; Onso tocou o fio de vento e sentiu que a escola tinha, enfim, aprendido a sua própria língua.

\*  
\*\*

## Capítulo VIII — O casamento do vale

O casamento foi na ponte grande, ao cair da tarde. Não houve tecido que prendesse vento; houve cordas de vento que desenhavam caminhos até o altar. Os sinos de luz aprenderam o compasso do coração da cidade. Nas pilastras, placas em relevo diziam: entrada, água, sombra, descanso. No coreto, intérpretes da Casa dos Ecos ajeitavam luvas claras — não era solenidade, era respeito.

Gui chegou primeiro, de bengala de freixo, tocando a pedra como quem cumprimenta um amigo antigo. O

vestido tinha bordado em fio grosso, para que as mãos também lessem a festa. Duarte esperou sem alarde, coração de vento bom. Onso ficou entre os dois, não por ornamento, mas por ofício: ponte de mãos.

Dom Álvaro estava sem coroa. Trouxera no bolso um punhado de vidro moído, resto do Tratado, e um frasco com água da nascente. Disse pouco: hoje o vale aprende outra promessa.

Rosa e Miguel começaram a música: voz baixa, tambor leve no peito, palma aberta no ar para que Onso escutasse com a pele. As andorinhas desenharam um arco que fez João do Pé-Leve bater o pé no chão de pura alegria.

Duarte falou como falam os que não querem ser donos do outro.

- Prometo ampliar teu mundo, não apertá-lo. Se teu passo pede sombra, eu ando devagar; se teu nariz lê estrada, eu fecho os olhos e aprendo.

Gui sorriu pequeno, e respondeu do jeito que a cidade agora entendia. Deslizou os dedos por uma fita em relevo:

- Prometo te ensinar o mapa que meus dedos sabem e aceitar o mapa que teus olhos trazem. Onso traduziu com as mãos, claro e sem pressa, para que os olhos de muitos vissem o que a voz dizia.

Quando pediram o sim, Onso sinalizou devagar, gesto alto, mãos abertas. (em Signa) Sim. A ponte aprendeu mais uma voz. A multidão respondeu com palma aberta no ar e três vibrações curtas nas cordas — festa.

Dom Álvaro despejou a água da nascente sobre o vidro moído. O brilho foi de manhã nova. O rei disse: que se lembre que papel nenhum manda em amor e que amor nenhum manda em corpo. Depois apontou para os intérpretes, para as rampas, para os sinos de luz. Isto é governo.

Houve comida simples, luz acesa, sombra boa. Zefa desceu e subiu a ponte sem pedir braço emprestado. O chanceler, agora sem dedos frios, aprendeu a dizer parabéns com as mãos. João do Pé-Leve correu o fio rindo, e parou quando viu Gui sorrir de volta. Miguel e Rosa cantaram a canção nova do vale: três notas de luz, duas de vibração, uma de palavra.

## Fecho

Na semana seguinte, as escolas repetiram a aula de água em relevo; o mercado fez cartelas de preço com letras grandes e desenho tátil; a guarda aprendeu que silêncio também é ordem; as igrejas acenderam sinos que piscam.

Onso assumiu, por decreto, o ofício de Intérprete do Reino e mestre das cordas de vento. Gui aceitou cuidar dos mapas em relevo e dos caminhos com cheiro, som e toque — arquiteta do corpo da cidade. Duarte virou ponte onde faltava ponte e aprendeu a esperar com passo firme.

Dom Álvaro continuou a parecer lobo para quem olha de longe, e cão de guarda para quem olha de perto. Vasco das Válvulas jurou que o rei, muitas noites, ainda ia às comportas provar barro e ouvir ferrugem. Talvez por isso o vale continuasse a cantar.

Se perguntardes, um dia, que milagre foi feito ali, Onso dirá com as mãos: não fizemos milagre de cura; fizemos milagre de convivência. Gui dirá com a voz: cidade é coisa que aprende. Duarte completará, olhando o céu: e amor, quando é bom, aumenta o mundo do outro.

A ponte, que agora falava luz, vibração e palavra, guardou o resto. E a cidade, que aprendeu outra língua, não desaprendeu mais.

\* FIM  
\*\*

## Capítulo II

### A Busca pela Princesa

Era uma vez, num reino que cheirava a pão quente e jasmim, um príncipe que desejava se casar. Não com “alguém”, mas com alguém que soubesse dividir o ofício: governar. Só que, quando saía pelo mundo, era recebido por vitrines de perfeição.

Encontrou princesas de toda sorte: uma usava uma coroa de três andares que eclipsava o pôr do sol; outra espirrava confete; outra tinha um vestido que mudava de cor conforme o humor; e houve a que chegava com os

cabelos gloriosamente esgrovinhados, tão elétricos que acendiam candelabros. O príncipe ria, tentava conversar, mas saía sempre com a mesma sensação: por trás dos títulos e das poses, cadê a pessoa?

— Mãe, será que existe uma princesa de verdade? — perguntou, de volta, cansado de tanta vitrine.

— O que torna alguém “de verdade” para você? — devolveu a rainha. — Lembre-se: parceria não é fotografia. É trabalho compartilhado quando ninguém aplaude.

Foi quando o céu deu três sinais: cheiro de chuva com jasmim e ferro; um sino que tocou às avessas; uma luz que rodopiou em espiral. A cortina do vento se ergueu. O ciclone surgiu, não furioso, mas convicto: um portal. O príncipe só teve tempo de pensar “agora vai” antes de escorregar para o lado, como quem cai entre páginas.

Acordou num lugar onde a gravidade parecia preguiçosa e o som tinha cor. As árvores eram cor-de-rosa, a grama, de um verde que parecia mentol, e as flores tinham cara de leão que boceja. O príncipe levantou, testou um pulinho, cheirou a grama.



Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

— Tem cheiro de limão... com estrelas — disse, rindo sozinho.

Um bicho passou: parecia canguru, falava como gato.

— Por que parado? Vai se atrasar para o casamento da princesa!

— V-você fala? E esse sol lilás é normal ou hoje é edição especial? — gaguejou o príncipe, abrindo o caderninho de anotações.

— Depende do humor do vento — respondeu o Cangu-Gato, ajeitando os bigodes. — E sim, há uma princesa. A mais linda dos sete reinos.

— “Linda” tipo vitrine... ou linda de ouvir o nome do padeiro e sorrir? — arriscou o príncipe.

O Cangu-Gato apertou os olhos, interessado.

— Venha ver com os próprios olhos.

Foram a pé até um sapo vermelho gigante que ofereceu carona. No caminho, um caracol campeoníssimo passou deixando poeira, um relógio solar abriu guarda-chuva contra nuvens e uma placa avisava:

“CUIDADO: eco com atraso de três palavras”. O príncipe perguntava tudo: como se chamava aquele tom de vermelho (“Vermelho Pôr-do-Sol em Estufa”), por que havia pedras flutuando (“gravidade educada”), e se o vento era sempre tão opinativo (“só às terças”).

Ao avistar o castelo, o príncipe perdeu o fôlego. Trombetas; doze cavaleiros em armaduras de doze cores; a multidão com auras cintilantes — especialmente as crianças. Quando a carruagem dourada se abriu, a princesa Ohanna flutuou para fora como quem desce de um pensamento leve. Cabelos negros que faziam o azul parecer tímido, olhos de mar-verde, aura viva.

— Você é o forasteiro do ciclone? — perguntou, depois de abaixar para ajustar a coroa de papel de uma menina e chamá-la pelo nome.

— Sou. E... desculpa a pergunta, mas seu reino sempre tem um sol lilás ou isso é edição especial?

— Depende do humor do vento. — Ela apontou para o próprio cabelo, uma nuvem comportada. — Hoje ele foi gentil.

Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

— Sorte dele — o príncipe disse, e só então percebeu que tinha falado alto demais.

Ohanna segurou o riso.

— Você costuma elogiar o vento para elogiar alguém?

— Costumo elogiar o que manda na sala. No caso... parece que é você.

O Cangu-Gato pigarreou, teatral.

— Muito bem, sua alteza, o forasteiro aprovou a meteorologia.

As trombetas silenciaram; o arauto ergueu um pergaminho.

— Povo do Reino, escutai — disse, quando até o vento prendeu a respiração. — Hoje não há torneio de bravatas, mas um chamado. Cada pretendente caminhará com os próprios passos; ninguém irá no lugar de ninguém, nem pajem, nem servo, nem sombra. Para que a verdade não se esconda atrás de títulos, nossa princesa beberá primeiro a Poção da Verdade. Depois, um a um, todos a beberão, e as palavras cairão limpas como água de fonte. Em respeito à magia que sustenta este reino, nenhum

encantamento será usado para atalhar caminhos, nem dos próprios pretendentes, nem emprestado de outrem. O que vale aqui é a fibra do coração, não o brilho dos feitiços. Se, no percurso, o destino pedir mãos dadas, um único gesto de ajuda poderá ser aceito — de alguém que se ofereça por vontade própria. Ajuda é ponte; carregador, não. Ao fim das tarefas que o dia trouxer, não vencerá quem fizer mais barulho, e sim quem fizer sentido. A escolha caberá à princesa, que ouvirá o conselho do povo e a bússola do próprio peito.

Ohanna bebeu primeiro. O príncipe viu, e alguma coisa dentro dele endireitou a postura sem que ele mandasse. Mais tarde, no jardim, ela lhe ofereceu uma fita de seda.

— Posso? É para você não brigar com o vento.

— Obrigado. Em troca, fica com a corrente da minha bússola. Se eu me perder, você guarda o norte para mim.

— Eu já tenho quem guarde. — Ela encostou a corrente no coração. — Mas aceito ser lembrada de procurar o meu quando eu esquecer.

— O que você mais teme? — ele perguntou, baixo.

Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

— Que olhem para mim e vejam só um título flutuando. E você?

— Não entender o seu povo.

— Eu estou vendo você — ela disse. Depois, sorriu. — Vai. Traz de volta o que te pedirem. E volta inteiro.

A primeira tarefa se revelou numa visita à Floresta Sombria. Um objeto pessoal havia sido escondido; no caso de Edward, sua bússola. O mapa apontava três lugares: a Gruta Mágica, a Ponte do Desespero e a Caverna do Dragão. Na gruta, um rival já dançava de alegria com sua espada recém-achada. A ponte fazia jus ao nome: pinguela cansada, cordas esgarçadas e crocodilos com cara de quem tinha lido o manual errado. Outro príncipe gritou do outro lado que encontrara as botas. Edward respirou fundo e seguiu para a caverna.

Lá dentro, o escuro tinha cheiro de coisa antiga. Dois olhos amarelos se acenderam.

— Quem está aí?

— O dragão amaldiçoado, quem mais seria? — respondeu uma voz que parecia de menina.

— Com essa voz? — ele riu, sem maldade.

— Por isso o “amaldiçoado”. Para ter sua bússola de volta, responda meu enigma. Num pântano, existem vinte e um monstros entre ciclopes e esfinges. Somando tudo, cinquenta e quatro pés. Qual é a diferença entre o número de ciclopes e o de esfinges? Um quarto de hora.

A água, que até então dormia, começou a subir, lambendo as pedras. Mais ao fundo, alguém gemeu: um rival estava preso por uma fivela enganchada na rocha.

Edward correu até a entrada para pensar. “Se todos tivessem dois pés seriam quarenta e dois. Faltam doze. Cada esfinge tem dois a mais que um ciclope... então seis esfinges, quinze ciclopes. Diferença: nove.” Antes de gritar a resposta, voltou, soltou o rival e empurrou-o escada acima.

— Nove! — disse, ofegante.

A água parou. O escuro tirou uma máscara. Não havia maldição nenhuma; havia uma guardiã de olhos amarelos e risada de sino.

— Nove. E prioridade certa. — Ela bateu as asas; numa rachadura, brilhou a bússola. — Toma. E boa sorte no que vem.

No pátio, muita gente faltava. O Cangu-Gato miou três vezes (alguém corou). Outra tarefa foi anunciada: atravessar o Vale dos Três Montes e trazer a Margarida-Azul. O príncipe ia amarrar uma corda quando a ave imensa pousou.

— Diga, príncipe das terras distantes: o que quer de nós?

— Quero voar pelo vale para procurar a Margarida-Azul pra... presentear a pessoa que é princesa.

— Iremos — disse a mãe-ave —, mas saiba: a flor nasce onde a escolha é certa.

No alto, Edward viu o mapa inteiro; no fundo, viu um brilho azulado. No caminho, um grito: o rival de antes escorregara num penhasco. A mãe-ave dobrou as asas para mergulhar.

Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

— Essa é a minha “ajuda única”, não é? — perguntou Edward.

— É.

— Então use-a para salvá-lo.

Salvaram. Depois, sozinho, Edward seguiu até um campo com milhões de margaridas. Um gnomo verde, de botas compridas, apareceu de supetão.

— A Azul está no Lago Inexistente. Ninguém o viu. Quando o sol estiver no meio do céu, antes de abraçar a montanha, entre naquele portal. Leve esta ampulheta. Volte antes da areia acabar.

— E se eu me atrasar?

— Atraso, aqui, é outra palavra para sempre.

Quando o sol partiu a tarde em dois, o portal surgiu: um portão dourado e prateado, cadeados cor de pérola, vento rodopiando dentro d’água. Ao primeiro passo, Edward despencou em queda lateral e caiu num lago que virou bolhas. Uma delas guardava um pergaminho. Ele a tocou; a bolha estourou.



Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

Leu as palavras. O pergaminho virou flor. A Margarida-Azul pulou para sua mão. A ampulheta gritava silêncio. Ele correu, saltou para fora minutos antes do último grão.

Chegou ao palácio com cheiro de chuva e estrela. Entregou a flor.

— Para você. Não para o título. Para a pessoa.

Ohanna, por um instante, desceu da nuvem. As próteses brilharam como duas espadas gentis.

— Ainda quer conversar a noite toda? — ela provocou, com um ponto de medo na voz.

— Quero falar do jeito que você chama as crianças pelo nome, do jeito que você bebeu a Poção antes de todo mundo, de como sua risada organiza a bagunça do salão. Quero falar do que te faz dormir em paz.

— E se eu dormir no meio?

— Eu termino baixinho e deixo um bilhete.

Ela encostou a testa na dele, um toque de vento.

Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

— Não dorme não. Ainda preciso que você me conte a cor do céu do seu reino quando você está feliz.

— A cor que eu estou vendo agora.

Antes que o arauto abrisse a boca para falar de “última tarefa”, um mensageiro entrou apressado: a Ponte Dobra-Águas tinha caído; gente isolada; o rio subia. A praça gelou. A princesa respirou, firme.

— Precisamos agir — disse, apontando rotas no mapa. — E rápido.

— Sapão, viras balsa? — chamou Edward. — Caracol, leva remédios. Guardas, usem a estrada velha — aquela por onde vocês marcham para trás.

— Vossa alteza, posso? — ele ofereceu a mão a Ohanna.

— Pode, mas não é para me carregar. É para irmos juntos.

Caminharam lado a lado, molhados de rio e vento, rindo quando o sopro trocava as plaquinhas das ruas. O povo viu. Viu uma princesa que não precisava esconder as pernas para ser levíssima. Viu um príncipe que admitia medo e

perguntava antes de ordenar. Viu duas pessoas trabalhando como se o casamento começasse ali — e talvez começasse.

Horas depois, com todos a salvo, o vento passou outra vez: apagou as velas e, caprichoso, acendeu as lanternas. O arauto não anunciou nada; não precisava. O povo sabia, a margem sabia, a ponte sabia.

Mais tarde, quando a festa enfim se ergueu, o Cangu-Gato miou três vezes (muita gente corou). O arauto perguntou, por costume:

— Princesa Ohanna, este foi o pretendente que fez sentido para o dia de hoje. Ele tem a sua escolha?

— Tem — disse ela, estendendo a mão. — Porque não procurou uma vitrine. Procurou parceria.

— E você, príncipe Edward, ainda busca “uma princesa de verdade”? — provocou o Cangu-Gato.

— Eu encontrei a pessoa — respondeu ele. — O título vem junto porque é o ofício.

Casaram-se, sim. Mas, antes disso, aprenderam a somar coisas importantes: quinze ciclopes, seis esfinges,

Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

nove diferenças, dois cafés da manhã, quatro canecas que alguém sempre esquecia de lavar, e uma ventania ciumenta que, de vez em quando, bagunçava o cabelo de ambos só para lembrar: às vezes, o amor entra como portal.

E viveram felizes de um jeito que dava trabalho — o melhor tipo. Quando ninguém aplaudia, ainda havia chocolate quente. E bilhetes. E vento.

## Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

---

**Selo (coleção):** Simbiose Jovem

**Série:** O Clube dos Improváveis

**Crédito:** Lysa & Chen Yan

se quiser padronizar o topo dos PDFs/Docs, pode usar:

- **Simbiose Jovem — O Clube dos Improváveis — Conto 1 — Anabel e a Mentira**
- **Simbiose Jovem — O Clube dos Improváveis — Conto 2 — Os Dois Príncipes**
- **Simbiose Jovem — O Clube dos Improváveis — Conto 3 — O Comerciante**

## Simbiose Jovem -Histórias que Abraçam

- **Simbiose Jovem — O Clube dos Improváveis — Conto 4 — A Princesa Jenuína**  
**Conto 5 - Valissa e a boneca mágica**